

**Uma nova revisitação da história antiga de
Angola**
A New Look at the Ancient History of Angola

PEPETELA. *A sul. O sombreiro.* 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 2011. 360p.

DONIZETH APARECIDO DOS SANTOS*

* Graduado em Letras pela FAFIJAN, Mestre em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Doutor em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Literaturas de Língua Portuguesa da Faculdade de Telêmaco Borba (FATEB).

No romance *A sul. O sombreiro*, publicado em Portugal em setembro de 2011, o escritor angolano Pepetela revisita a história antiga de Angola, como já havia feito anteriormente em *A revolta da casa dos ídolos* (1980), *Yaka* (1998), *Lueji, o nascimento dum império* (1997) e *A gloriosa família* (1999). Dessa vez, o romancista retorna ao início do século XVII, bem no começo da colonização portuguesa, quando Luanda ainda era um esboço de cidade e Benguela estava para ser fundada, e período também em que Portugal se encontrava em poder da Espanha. O alvo principal de Pepetela é a figura histórica de Manuel Cerveira Pereira, ex-governador da colônia de Angola e fundador da cidade de Benguela.

Manuel Cerveira Pereira, denominado no romance como um “filho de puta”, quando governador de Angola, na época um território que compreendia apenas a região de Luanda, tinha o apoio dos padres da Companhia de Jesus na colônia, mas era odiado e temido pelos habitantes da cidade devido à sua crueldade e aos abusos de poder, até que um dia, através de uma conspiração levada a cabo pelo ouvidor André Velho de Sottomayor, pelo bacharel Manuel Nogueira e pelo vigário de Luanda, foi preso e enviado a Lisboa, acusado de assassinatos, torturas, roubos do erário público e dos colonos, e, pasmem, até da sedução de 25 das 50 mulheres portuguesas casadas residentes na colônia.

Apesar de todas essas acusações, valendo-se dos seus relacionamentos familiares em Portugal, e, principalmente, da fortuna acumulada em Angola, da qual gastou uma grande parte em sua estratégia de defesa, ele não apenas foi absolvido pelo rei Filipe II como também foi recebido pelo monarca em Madrid e nomeado, em 1612, Governador e Conquistador do Reino de Benguela, com o objetivo de encontrar as fabulosas minas de cobre que mais tarde se revelariam inexistentes.

Com uma tropa formada basicamente por algumas dezenas de adolescentes e mais alguns soldados recrutados em Luanda, Manuel Cerveira Pereira chega à região em 1615 e funda a cidade com o nome de São Filipe de Benguela. Devido à localização da cidade numa região pantanosa, fato que provocava malária numa escala muito maior que em outros lugares, e aos abusos de poder do governador, que administrava a nova colônia com mão de ferro, Cerveira Pereira enfrentou constantes rebeliões internas vingando-se cruelmente dos rebelados.

No entanto, numa delas, arquitetada pelos padres Simão de Oliveira e Manuel Rodrigues, e mais cinco soldados, ele estava debilitado pela malária e não resistiu à rebelião e foi expulso da colônia. Não se sabe bem como Manuel Cerveira, doente e ferido, sobreviveu à viagem de cinco dias a Luanda, e lá, tratado pelos padres da Companhia de Jesus, recuperou a saúde e conseguiu apoio do rei para reconquistar Benguela. Ao contrário do que se supunha, a retomada da cidade foi pacífica e não houve nenhum derramamento de sangue, como era de se esperar dado o perfil do governador.

Mas o romance não fala somente de Manuel Cerveira Pereira. Utilizando-se da técnica do contraponto, Pepetela insere no livro a história do aventureiro Carlos Rocha, um angolano mulato bisneto de um dos capitães da expedição de Diogo Cão, que teria engravidado uma nativa durante a histórica viagem que o comandante português empreendeu à foz do rio Kongo em 1482.

Carlos Rocha foge de Luanda com medo de que o pai o vendesse como escravo, pelo fato de o progenitor se ter tornado alcoólatra e ir aos poucos dilapidando o patrimônio da família para beber vinho nas tabernas da cidade. Assim ele empreende uma perigosa fuga pelo interior de Angola, tendo como companhia o escravo Mulende e um mosquete. No seu percurso pelo território angolano ele trava relações com o aventureiro inglês Andrew Battell, de quem se torna amigo, e com os temíveis jagas, guerreiros sanguinários que eram, na época, o pesadelo tanto dos portugueses quanto dos demais povos africanos. Entretanto, utilizando-se de astúcia e muita coragem, Carlos Rocha torna-se aliado deles e chega até a se casar com uma mulher jaga, e no final acaba ludibriando-os ao fugir com a esposa e não pagar pelo seu alembamento, que era a oferta de um escravo para ser comido no banquete nupcial. O final das aventuras de Carlos se dá justamente na baía de Benguela, local para onde também se dirigia Manuel Cerveira, o outro herói do romance.

Para a elaboração do livro, o escritor se valeu de várias fontes, dentre as quais ele destaca *O reino de Benguela* (volumes 1 e 2) e *A famosa e histórica Benguela*, ambos de Ralph Delgado; *Monumenta missionária africana*, do padre António Brásio; *Angola*, de Alfredo Felner; *The strange adventures of Andrew Battell of Leith in Angola and the adjoining regions*, de Ravenstein; *História geral das guerras angolanas*, de António de Oliveira Cadornega; e *Dos Filipes à restauração – cultura política e dominação espanhola*, de Diogo Ramada Curto.

O romance pode ser enquadrado no gênero que a crítica literária dos anos

90 para cá tem denominado de “novo romance histórico”, conforme Fernando Ainsa (1991) e Seymour Menton (1993), ou “metaficção historiográfica”, na acepção de Linda Hutcheon (1991), pelo fato de ficcionalizar um personagem histórico e realizar uma irônica e crítica releitura da história, através da qual desmitifica a imagem de figuras históricas canônicas como as dos reis D. Sebastião e D. Filipe II, mostra as contradições e a crueldade do processo colonial português e espanhol, amparado numa falsa missão civilizadora, e revela a hipocrisia da Igreja Católica, eterna parceira dos estados ibéricos na expansão ultramarina, cujo discurso da preocupação com a salvação da alma dos nativos contrastava com as suas atitudes materialistas.

Nesse sentido, o romance *A sul. O sombreiro* oferece ao leitor outra perspectiva histórica, ou seja, outras versões do fato histórico, a partir do ponto de vista de quem sofreu o silenciamento durante séculos de dominação colonial ou mesmo de quem foi agente da história, mas é visto a partir de dentro ou por olhares que o desnudam, numa perspectiva nietzschiana da história que, segundo Hayden White (1995), não concebia uma única verdade histórica mas sim verdades históricas.

Para tanto, Pepetela lança mão de algumas estratégicas narrativas já utilizadas em seus livros anteriores. A primeira delas é a técnica do contraponto, recurso que permite elaborar a obra com duas histórias paralelas que se harmonizam na configuração do todo do romance, a de Manuel Cerveira e a de Carlos Rocha, que o autor vai orquestrando através do processo de alternância, ora interrompendo uma, ora retomando a outra.

Uma outra estratégia é a utilização de diversos narradores, o que dá à narrativa um caráter extremamente polifônico, pois essas vozes são todas independentes umas das outras. Ao todo, cinco narradores povoam o romance: um em terceira pessoa, que é predominante na obra, e quatro em primeira pessoa: Manuel Cerveira Pereira, Carlos Rocha, frei Simão de Oliveira e Margarida, filha de André Velho de Sottomayor, um dos desafetos de Cerveira Pereira em Luanda.

E uma terceira estratégia narrativa é o recurso metaficcional da intromissão do autor no livro, grafada em itálico e entre colchetes, cortando em muitos momentos a voz dos narradores para acrescentar uma informação histórica com um comentário não raro irônico ou ácido, como é característico do escritor. Essa intromissão ocorre principalmente na narração em terceira pessoa.

Quanto ao título, que aparentemente pode parecer não ter nada a ver com o conteúdo da narrativa, ele é uma alusão a um aspecto geográfico da Baía de Benguela, “dominada por um morro com forma de chapéu largo, um sombreiro” (p. 103). Afinal, um dos motes do romance é ficcionalizar a figura do conquistador da região, e o outro é contar a história de um aventureiro que também se estabiliza por lá, depois de percorrer uma grande parte do território angolano.

Referências Bibliográficas

- AINSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. *Plural*, 240(82-85), México, 1991.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina. 1979-1992*. México: FCE, 1993.
- PEPETELA. *A gloriosa família*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- _____. *A revolta da casa dos ídolos*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- _____. *A sul. O sombreiro*. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 2011.
- _____. *Lueji, o nascimento de um império*. 3 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.
- _____. *Yaka*. 4 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- WHITE, H. *Meta-história*. Trad. J. L. Melo. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 1995.